

## **SEMIÓTICA DO FEMININO FREUDIANO: uma mudança de hábito**

*Marcelo Santos\**

### **RESUMO:**

Freud propõe a compreensão da organização genital infantil a partir do chamado “primado do falo”, entendendo que, durante os primeiros anos de vida, menino e menina apresentem um desenvolvimento masculino. Esta fase seria absoluta até o momento do complexo de Édipo quando, ao tomar consciência da diferenciação sexual, a maior parte dos meninos confirmaria seu pertencimento à masculinidade, e as meninas, em sua maioria, seriam coagidas a se enquadrar no feminino, por meio da complicada aceitação da castração. Isso implica em considerar que a vida sexual da mulher – ou do homem identificado com a posição de castrado - seria caracterizada por dois momentos distintos: o inicial, masculino, e um subsequente, sendo apenas esse último especificamente feminino. Neste trabalho, a transição entre essas fases será explorada semioticamente, tomando por referência a noção peirceana de hábito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria freudiana. Feminino. Filosofia peirceana. Mudança de hábito

---

\* Doutorando em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, financiado pela Fapesp. Endereço eletrônico: [formarcelo@gmail.com](mailto:formarcelo@gmail.com)

## O feminino na teoria freudiana

No texto de 1905 “A sexualidade infantil”, Freud relaciona a “florescência” da sexualidade das crianças, entre os três o os cinco anos de vida, à “atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar” (p.183). Tal energia, num primeiro momento, não se ocuparia das questões relativas à diferenciação sexual, mas sim do enigma “de onde vêm os bebês?” (p.193). Isso porque, nessa fase do desenvolvimento, acredita-se na “suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos [...] a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis” (p.184).

Essa “teoria sexual” — assim a denomina Freud — “consiste *em atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis*, tal como o menino sabe a partir de seu próprio corpo” (1908, grifo nosso, p.196). Para um garoto, “é natural assumir que todos os outros seres vivos, humanos e animais, possuem um órgão genital como o seu próprio; sabemos, é verdade, que ele procura um órgão análogo ao seu também em coisas inanimadas” (1923, p.158). Tanto que ao deparar-se pelas primeiras vezes com a ausência do órgão em uma menina, ele ignora o fato, explicando que o “dela [o clitóris] ainda é muito pequeno, mas vai aumentar quando ela crescer”<sup>1</sup> (1908, p.159; 1907, p.196). Apenas em um momento posterior, e de forma lenta, chega-se à conclusão de que, na realidade, o pênis já deveria ter estado lá, tendo sido retirado como produto de uma castração<sup>2</sup>.

Não se deve supor, contudo, que a criança efetua rápida e prontamente uma generalização de sua observação de que algumas mulheres não têm pênis. De qualquer modo, ela é impedida de fazê-lo porque supõe ser a falta de um pênis resultado de ter sido castrada como punição. Ao contrário, a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais [...]. Mulheres a quem se respeita, como a mãe, retêm o pênis por um longo tempo. (Freud, 1923, p. 160).

---

<sup>1</sup> Em função de posse do pênis por todos os seres, as crianças elaboram sua segunda “teoria sexual”: “Se o bebê se desenvolve no corpo da mãe [possuidora de um pênis], sendo então depois retirado, isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal”. Disso decorre o fato do menino ser capaz de se imaginar tendo filhos, sem que isso acarrete em “inclinações femininas” (1908, p. 198).

<sup>2</sup> A primeira vez que o termo “complexo de castração” é usado por Freud decorre de um escrito datado de 1907, “O Esclarecimento Sexual das Crianças”.

Somente após algum tempo, ao perceber que as mulheres são as únicas capazes de dar à luz bebês, a mãe “perde seu pênis”, e são construídas toda sorte de teorias objetivando explicar a equação simbólica da troca do pênis por uma criança (1923, p.160). Nesse momento, o menino também recalca seu desejo de ocupar o lugar do pai junto à mãe, e dissolve-se o complexo de Édipo<sup>3</sup>.

No breve percurso até aqui realizado, fica exposta a tese freudiana de que diferentemente da organização genital final do adulto, na organização genital infantil apenas o órgão masculino desempenharia o seu papel: existiria, portanto, uma *primazia do falo* (ibid, p. 158). Há um hiato, contudo, na argumentação do psicanalista: *apesar de se referir à sexualidade infantil, é apenas do menino que Freud trata*. Tal lacuna persiste ainda em 1923, no texto “A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)”, quando o autor continua a afirmar que os processos correspondentes na menina são “infelizmente” desconhecidos<sup>4</sup> - formulação essa, aliás, repetida desde 1905, e presente [em alguma medida] em 1908, 1912, 1924, 1926 e 1932.

Iluminações sobre o “continente negro” infantil só ocorreriam mais tarde, em 1925. Depois de relacionar em “A dissolução do complexo de Édipo” (Freud, 1924, p.195) a ameaça de castração à destruição da organização genital fálica da criança, Freud (1925, p. 278), no texto “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, percebe que apesar de se supor, quanto ao desenvolvimento sexual, que as coisas deviam ser semelhantes em ambos os sexos, de um modo ou de outro elas tem de ser diferentes para as meninas. Avanços são então feitos no caminho para a saída do obscurantismo: o psicanalista deduz que, para as garotas,

o complexo de Édipo é uma formação secundária. As operações do complexo de castração o precedem e preparam. [...] *Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração*. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele

---

<sup>3</sup> É importante referir que o complexo de Édipo tem uma dupla orientação para o menino: ele “poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como estorvo, ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser (...) [amado] pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua” (Ibid., p. 196).

<sup>4</sup> Em 1920, todavia, ao republicar seu texto de 1905 “A investigação sexual infantil”, Freud amplia enfaticamente o complexo de castração também às mulheres.

inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade (ibid., p. 285).

Ao descobrir as diferenças anatômicas entre os sexos, a menina abriria caminho para trocar a mãe pelo pai como objeto de amor, em um tortuoso processo através do qual precisaria “abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital — o clitóris [pretendo falar] — em favor de outra, nova, a vagina” (1931, p. 233), iniciando sua saída da fase fálica em direção a um segundo momento, sendo apenas esse último especificamente feminino.

Em resumo: para assumir-se enquanto ser feminino, a menina precisaria passar, de acordo com a proposta freudiana, por uma série de estágios, que iriam da infância à puberdade, e podem ser assim compreendidos esquematicamente:

fase fálica → consciência das diferenças anatômicas → complexo de castração → sentimento de inferioridade e inveja do pênis → complexo de Édipo → troca da mãe pelo pai como objeto de amor → identificação com a “passividade”, ou a vagina que abrigará o pênis

Apesar de não rever esse encadeamento lógico, Freud percebe a necessidade de abstrair suas formulações e, em 1932, na conferência “A Feminilidade”, afirma “que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia” (1932, p. 140), sugerindo uma psicosexualidade, muito mais conectada à forma como cada indivíduo lida com seu corpo do que com as diferenças anatômicas *per se*. Desse modo, o menino poderia assumir a identidade feminina, e a menina a masculina: se a garota não supera a fase do primado do falo e continua a acreditar na fantasia de possuir um pênis, “seu desenvolvimento será masculino (...). O desenvolvimento do menino será feminino se seu medo da castração for tão grande a ponto de ele ‘renunciar’ a seu pênis, na fantasia”<sup>5</sup> (Breen, 1998, p. 13).

## O feminino como hábito de mudança

<sup>5</sup> Por consequência, o esquema descrito para sintetizar a saída da menina da fase fálica também é aplicável ao menino que, quando abre mão do seu pênis na fantasia, pode acabar por assumir uma identidade feminina.

Na seção anterior, foi evidenciada a estruturação lógica do entendimento freudiano do feminino, arquitetado a partir do abandono da *crença* em possuir um pênis e da conseqüente aceitação da castração — para o menino ou para menina, tal qual afirmado na fase madura do psicanalista austríaco. À luz do pensamento peirceano, esse processo pode ser compreendido semioticamente, isto é, como linguagem, uma semiose dependente de uma *mudança de hábito* para existir, atualizar-se em ações.

Antes, todavia, de se debruçar sobre o *hábito*, faz-se necessário introduzir rapidamente as três categorias universais do pensamento e da natureza elaboradas por Peirce, categorias essas que se encontram inter-relacionadas e onipresentes (Santaella, 2007, p. 147) em todo e qualquer fenômeno: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeiridade confunde-se com as “idéias de frescor, vida, liberdade” (CP 1.302), algo monádico (CP 1.303), mental; a secundidade surge ligada a uma oposição binária de forças, inerente a tudo aquilo que existe factualmente, resiste (CP 1.322; 8.330); finalmente, a terceiridade se define como a representação triádica ou a mediação (CP 1.328) entre as possibilidades — primeiridade — e os acontecimentos — secundidade —.

É na terceiridade que se encontra o conceito de signo genuíno e, então, se pode avançar da fenomenologia ao domínio da lógica ou semiótica, ou da descrição para a análise fenomênica. Isso acontece porque o signo, ao converter bilateralmente potências em fatos singulares (CP 1.328), funcionando como lei/hábito, conduz ao universo do inteligível, da linguagem — o plano do cognoscível —, que aparece a uma mente cujos domínios extrapolam a esfera humana, avançando em processos como o trabalho das abelhas e cristais (CP 4.551).

Quanto ao hábito propriamente dito, Peirce começa a desenvolver suas formulações no final da década de 1870, nos ensaios “Como Tornar Nossas Idéias Claras” e “A Fixação das Crenças”. Nessa época, ainda em elaboração, a idéia de hábito é associada às “ações que tendem a se repetir de acordo com padrões uniformes” (Santaella, 2008, p. 99), expressa do modo mais legítimo possível em uma *crença*, aquilo que conduzirá uma ação quando uma ocasião a exigir.

Essa conceituação peirceana é antropológica e distante da conformação final que o *hábito* ganhará no pragmaticismo, ao assumir o papel de mediação — terceiridade/signo — entre mente, primeiridade, e matéria, secundidade, em todos os níveis da experiência, humana ou não, desde a tendência de alguns materiais, como os elementos físico-químicos, à

maleabilidade, à propensão humana à imitação (ibid., p. 101; Colapietro, 2008, p. 12-13). Evidentemente, frente aos objetivos propostos, é apenas do homem que se tratará neste artigo.

Considerando-se que, durante a infância, seja *crença* comum entre as crianças de ambos os sexos a posse de um pênis, como sugere Freud, o masculino surgiria enquanto *princípio guia* do comportamento sexual infantil — por isso ele seria o único gênero existente. Num plano abstrato, para tentar ser fiel às últimas formulações freudianas acerca da temática, talvez essa *crença* deva ser entendida não como o ter um genital do homem, mas sim associada à fome narcísica quase incontrolável dos primeiros anos de vida, cujas disposições repercutem no egocentrismo, na auto-imagem ilusória de perfeição e completude, na *atividade*. A *posse do pênis*, em realidade, significaria a *posse de tudo*, o não-limite para o desejo, ignorante da alteridade e refém do imaginário monádico infantil. Assim sendo, a lei identitária operativa durante os primeiros anos de vida não poderia ser outra senão a do masculino.

Esse período do *primado do falo* corresponderia, em um entendimento peirceano, ao do *hábito masculino*, absoluto enquanto lei até a tomada de consciência das diferenças anatômicas e da correlata instauração do complexo de castração, quando se abrem as portas para a *continuidade* do desenvolvimento masculino — ainda que reformulado — ou para o rompimento dessa semiose<sup>6</sup> e a instauração do feminino como novo fio condutor do comportamento sexual.

De um lado, o ser fálico — menino ou menina — descobre que nem todas as criaturas são iguais a ele, inclusive algumas não desprezíveis, como a mãe, e, se conseguir aceitar a existência da castração sem abdicar do seu falo, ainda que na imaginação, continua masculino<sup>7</sup>. Do outro, estão aqueles para os quais a perda da onipotência e da completude é um choque tão grande que passam a se assumir como *todo faltosos*, rompendo a cadeia sígnica masculina em favor da instauração de um novo processo semiótico, guiado por um *hábito outro*: o feminino.

A tarefa é complicada e exige *esforço*<sup>8</sup> por parte da criança, afinal, diz Peirce (CP 5.476), mudar de hábito é *transformar tendências de ação*, o que no caso do abandono da identidade masculina, que resiste, para a assunção da feminina, significa abrir mão do objeto de amor mãe, também incompleto, para o encontro com o ser todo completo pai. Daí a

---

<sup>6</sup> Sinônimo de signo, hábito.

<sup>7</sup> Não mais onipotente, já que se faz necessário conviver com restrições como a do incesto.

<sup>8</sup> Por esforço Peirce (apud Colapietro, 2008, p. 24) compreende o domínio da secundidade, uma ação bruta, que oferece resistência.

importância do corte efetuado pelo complexo de castração na fase fálica: ao quebrar a cadeia de signos orientada pelo hábito masculino, *opondo-se* à ilusão de completude, essa ruptura, assim como dito por Freud, inibe a continuidade do masculino e abre espaço para a *aquisição de uma nova lei* (Bergman, 2008, p. 44-49).

Esquemáticamente:

>> masculino: fase fálica→ complexo de castração→ fase fálica
>> feminino: fase fálica→ complexo de castração→ início da fase feminina, onde uma nova lei passa a guiar o desenvolvimento/comportamento sexual

Masculino e feminino, pois, para além de disposições ligadas à posse ou não de um pênis, a um corpo de homem ou mulher estão, isto sim, presos ao hábito, a espaços semióticos nos quais os seres humanos — longe de detentores, reféns da linguagem (CP 8.256, 257) — se refugiam para lidar com a ferida provocada pela castração. Aí está a psicosexualidade freudiana: nos padrões de comportamento — hábitos, leis — que medeiam as possibilidades de ação da mente ou psique humana — primeiridade — em relação à identidade sexual que, efetivamente, é encarnada por cada um — secundidade —.

## Referências

BERGMAN, Mats. “Improving Our Habits: Peirce and Meliorism”. In: *Caderno do IV Advanced Seminar on Peirce’s Philosophy and Semiotics/ 11ª Jornada Peirceana*. São Paulo: Centro Internacional de Estudos Peirceanos, 2008.

BREEN, Danna. “Introdução”. In: *O enigma dos sexos perspectivas psicanalíticas contemporâneas da feminilidade e da masculinidade*. Fernando Naufel, Maria da Penha Ferreira, Tania Penido. (Trad.). Rio de Janeiro: Imago, 1998.

COLAPIETRO, Vincent. “Habit, Competence & Purpose”. In: *Caderno do IV Advanced Seminar on Peirce’s Philosophy and Semiotics/ 11ª Jornada Peirceana*. São Paulo: Centro Internacional de Estudos Peirceanos, 2008.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. “A dissolução do complexo de Édipo” (1924). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1988a.

\_\_\_\_\_. (1905) “A sexualidade Infantil”, vol.VII.

- \_\_\_\_\_. (1907) “O esclarecimento sexual da criança (carta aberta ao Dr. Furt)”, vol. VII.
- \_\_\_\_\_. (1908) “Sobre as teorias sexuais das crianças”, vol. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1909) “O pequeno Hans”, vol. XX.
- \_\_\_\_\_. (1912) “Contribuições a um debate sobre masturbação”, vol. XII.
- \_\_\_\_\_. (1918) “O tabu da virgindade”, vol. XI.
- \_\_\_\_\_. (1923) “A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)”, vol. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1925) “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, vol. XIX.
- \_\_\_\_\_. (1926) “A questão da análise leiga”, vol. XX.
- \_\_\_\_\_. (1931) “A sexualidade feminina”, vol. XXI.
- \_\_\_\_\_. (1932) “A Feminilidade”, vol. XXI.

PEIRCE, C. S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Edição eletrônica. Ed. de C. Hartshorne e P. Weiss. Charlottesville, Intelelex Corporation. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1994.

SANTAELLA, Lucia. “A originalidade e relevância do conceito peirceano de hábito”. In: *Caderno do IV Advanced Seminar on Peirce's Philosophy and Semiotics/ 11ª Jornada Peirceana*. São Paulo: Centro Internacional de Estudos Peirceanos, 2008.

\_\_\_\_\_. “Sinequismo e Onipresença da Semiose”. In: *Cognito: revista de filosofia*. v. 8, n.1, pp. 141-149, jan./jun. São Paulo: EDUC, 2007.

### **THE SEMIOTICS OF THE FEMININE IN FREUD: a change of habit**

#### **ABSTRACT:**

Freudian theory offers an understanding about genital children's organization as a phallic development, meaning that during the first years of life, both boy and girl have a male development. This condition last until the Oedipus Complex when, conscious of sexual differentiation, most of the boys would confirm their masculinity, and the girls, mostly, would be forced to fit as females through the acceptance of castration. This implies to consider that the sex life of the woman - or men identified with the position of castrated - would be characterized by two distinct moments: the initial, male, and a subsequent, only the latter specifically female. In this paper, the transition between these phases will be explored semiotically, by reference to peircean notion of habit.

**KEYWORDS:** Freud's theory. Feminine. Peirce's philosophy. Change of habit.



**LA SÉMIOTIQUE DU FÉMININ CHEZ FREUD:  
un changement d'habitude**

**RÉSUMÉ :**

Freud propose la compréhension de l'organisation génitale infantile commençant de l'appel "la primauté du phallus" en comprenant que, pendant les premières années de vie, le garçon et la fille ils présentent un développement masculin. Cette phase serait absolue jusqu'au moment du complexe d'Édipe quand, en prenant la conscience de la différenciation sexuelle, la plupart des garçons confirmeraient leur appartenance à la virilité et les filles, dans leur majorité, ils seraient contraints à s'encadre au féminin, par l'acceptation compliquée de la castration. Cela implique dans la considération que la vie sexuelle de la femme – ou de l'homme identifié avec la position de castré - serait caractérisée par deux moments différents : l'initial, masculin et un ultérieur, étant celui-ci spécifiquement féminin. Dans ce travail, la transition entre ces phases seront explorées sémiotiquement en référence à la notion peircienne de l'habitude.

**MOTS-CLÉS :** Théorie freudienne. Féminin. Philosophie peircienne. Changement d'habitude.

Recebido em 10/08/2010

Aprovado em 11/09/2010